

apontar os caminhos e os procedimentos para aqueles que procuram analisar empiricamente as narrativas, tanto fáticas quanto fictícias. Sua obra é um manual, uma espécie de guia, destinado aos mais variados domínios do conhecimento, como jornalismo, publicidade, literatura, antropologia, sociologia, psicologia, história, entre outros.

Análise Crítica da Narrativa é dividido em duas partes, com sete capítulos no total, sendo que a primeira é dedicada à teoria da narrativa, com quatro capítulos, e a segunda recorre aos aspectos da metodologia de análise pragmática, com os últimos três capítulos. No decorrer da obra, o autor elucida como se dá a construção do sentido na narrativa: “o enunciado narrativo é uma *estratégia enunciativa* que visa atrair, envolver e convencer o interlocutor, trazê-lo para o jogo da coconstrução compartilhada de sentidos (ainda que muitas vezes essa cooperação possa ser conflituosa)” (MOTTA, 2013, p. 11, grifo do autor).

O posicionamento metodológico do autor está fundamentado na fenomenologia, além de baseado na pragmática e análise da conversação, com especial ênfase na troca comunicativa e influência entre os interlocutores. Tal relação discursiva aludida pelo autor e apontada dentro do processo de comunicação revela uma nova perspectiva de análise, além de desvincular a narrativa de uma postura mais radical, em que o narrador estaria numa posição marcada de abusos de poder e dominação. No primeiro capítulo, intitulado “Por que estudar as narrativas?”, estão relacionadas certas intenções e respostas, ou seja, efeitos pretendidos pelo narrador ao utilizar estratégias de linguagem com o intuito de despertar e induzir

emoções, como riso, medo, compaixão, perplexidade, entre outras. Ao relacionar a narrativa jornalística, Motta argumenta que o uso de aspas, citações, estatísticas etc são estratégias narrativas, formas de dessubjetivar o relato, na tentativa de criar a ilusão e o efeito de realidade e verdade.

No segundo capítulo, “Retorno da narrativa: a busca do significado”, o autor fala da importância de se compreender as narrativas como construtoras de sentidos, sendo o narrar uma forma expressiva primordial da linguagem. O valor da linguagem também vem de seu caráter de mediar as relações humanas, a coletividade, as experiências e representações do mundo e da história. Um papel já legitimado pela linguagem jornalística, na busca da realidade imediata. Já no capítulo terceiro, “A teoria da narrativa-narratologia”, Motta traz explicações sobre a narratologia, uma das teorias interpretativas da sociedade, que consiste em uma reflexão teórico-metodológica das formas de narrativas humanas. Estas podem ser literárias e históricas, fictícias ou fáticas, imaginárias ou reais, já que envolvem as práticas culturais como um todo. Ou seja, a narratologia se configura como uma teoria interpretativa da cultura. O autor cita ainda as obras fundadoras da narratologia moderna e afirma que os sistemas narrativos podem ser estudados pelas mais diversas áreas do conhecimento: “Como princípio produtor de sentidos, interessa à historiografia, ciências políticas, antropologia, direito, comunicação e outras ciências” (MOTTA, 2013, p. 79).

“Narrativa jornalística e história do presente” é o assunto do quarto capítulo, em que a narrativa jornalística é classificada como uma linguagem

intermediária entre a literatura e a história, entre o discurso fático e o ficcional. Ao construir acontecimentos, o jornalista é tanto historiador como antropólogo da atualidade, quando constrói relatos com sequências, significação e coerência. Em “Metodologia de análise pragmática da narrativa”, capítulo quinto, Motta indica e traça os possíveis caminhos de análise, sem, contudo, estabelecer uma regra única, uma receita, ou um modelo fechado de modo a atender a todas as formas narrativas. Tal linha de raciocínio voltará a ser explorada no sexto capítulo. Ele traz um alerta aos analistas, para que os procedimentos de análise sejam elaborados e construídos de acordo com as especificidades de cada objeto. Não há uma fórmula específica de abordagem, a técnica operacional é livre, mas é preciso apresentar coerência na interpretação e reflexão.

No sexto capítulo, “Procedimentos operacionais de análise pragmática”, Motta esclarece que o caminho da interpretação e da pesquisa empírica irá depender das categorias, recursos e instâncias discursivas e de linguagem que o analista pretende observar e destacar. É preciso compreender a situação narrativa, personagens, pontos de virada, enredo, trama, que envolvem os produtos, sejam eles reportagem, conto, filme, quadrinhos etc, além de identificar os jogos de linguagem, metáforas, representações sociais, os heróis, antagonistas, estereótipos, os significados morais, éticos e simbólicos. Quando se observa e analisa o processo comunicativo, é necessário levar em conta se os efeitos (intencionais e não intencionais) foram efetivos ou não, se as estratégias discursivas e argumentativas alcançaram as intenções pretendidas, bem como observar o conflito

e o contexto histórico envolvido, além de outros aspectos, como o lugar de fala e a identidade dos interlocutores.

No sétimo e último capítulo, “Do enunciado à enunciação: vozes narrativas e jogos de poder”, o autor reflete sobre a disputa pela voz narrativa, como fator de luta pelo poder simbólico. Tal jogo de busca pela visibilidade e atenção envolve a argumentação, o processo de coconstrução da realidade pelos interlocutores, além de inúmeros outros dispositivos e artifícios comunicativos e situações de comunicação. Situação essa na qual a narrativa jornalística também se vê envolvida, apesar de todos os artifícios de objetivação, ou como Motta denomina: dessubjetivação. O narrador ou jornalista busca apagar suas marcas do relato jornalístico, na tentativa de criar um “efeito de real”, recorrendo a elementos e expressões com o propósito de simular rigor, realidade e verdade, além de transmitir a impressão de não intervenção, como se os fatos falassem por si. Contudo, conforme explica Motta, é impossível retirar o caráter persuasivo da narração, pois o narrador é aquele que interfere livremente na narrativa, no sentido de que narrar já pressupõe uma argumentação. No entanto, a análise também não deve ficar restrita a um só narrador, é preciso cautela e rigor para distinguir as inúmeras vozes que se manifestam, imbricadas na conjuntura cultural e simbólica.

À guisa de conclusão, é preciso esclarecer que entre as grandes contribuições de Motta está a ênfase concedida aos aspectos culturais e antropológicos da narrativa, ao invés de simplesmente se restringir ao ponto de vista linguístico, bem como a especial atenção direcionada ao relato jornalístico, ou seja, à narrativa da história

do presente. Outro aspecto elucidado por Motta é o incentivo a privilegiar a análise da enunciação, ou seja, o processo comunicativo como algo dinâmico, uma troca, em que é preciso levar em conta as relações e os contextos externos que envolvem a sociedade, bem como todos os argumentos culturais que a permeiam. A mensagem que fica é a da importância de se ir além da narrativa, da obra ou produto

em si e refletir mais sobre a narração, o próprio ato de narrar.

Referências bibliográficas

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. **Narratologia: teoria e análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a licença Creative Commons 2.5